

MITOS E MÁSCARAS NA ESCOLA: PENSANDO SOBRE O DESEJO

Ana Paula Villeroy Schneider

Escola é lugar de pensar. Sim, e pensar quer dizer olhar e ressignificar saberes para objetivar o conhecimento. Pensar significa perceber que nem sempre o outro pensa como eu, e nem por isso deixa de pensar. Como cita Alicia Fernández (1991, pág. 23), para pensar novas idéias temos que desarmar nossas idéias feitas e misturar as peças. Pode-se então chegar à conclusão que isto só acontece na interação com o outro, ouvindo e tentando entender o que o outro nos diz, ou quer nos dizer. Portanto, quem pensa pode aprender. Quem aprende, pode pensar. Quem pensa mais, pode mais...

Esta questão do "poder mais" em relação ao outro, nem sempre está clara dentro da escola. Embora a questão do poder perpassa o cotidiano das instituições em todos os sentidos, nem sempre pode ser sentido. Os grupos, entre eles a escola, constroem sua história e suas relações de poder, autoridade, transversalizados por fatores sociopolíticos e econômicos. Estas construções muitas vezes não chegam a tornarem-se informações porque ficam a nível inconsciente, mas tornam-se mitos, ou seja, representações coletivas que muitas vezes mascaram as relações, desautorizando o crescimento da escola como um espaço de aprendizagem. Alicia Fernández (1997, pág. 57), nos traz os mitos como representações construídas para dar conta do desconhecido, explicar o inexplicável, cobrir a angústia que o desconhecido provoca.

Por conta desses mitos que cercam a escola, esta se obriga a usar várias máscaras... Usa a máscara da "transformação social", como se estivesse isolada do mundo e pudesse magicamente mudar os indivíduos e a sociedade, sem sofrer suas influências. Como se não servisse ela própria para legitimar o poder dominante. Passa conhecimentos, sem jamais debruçar-se sobre o saber que é produzido dentro dela, sem focar seu olhar na interação dos seres uns com os outros, seus medos e dúvidas.

Usa a máscara da "criatividade e criticidade", sem realmente criar nada novo,

sem pensar diferente do que já se faz, aceitando discursos de fora, engolindo sem mastigar, acatando ordens, vomitando velhas falas, massacrando e massacrando-se.

Usa a máscara da "igualdade", sem de fato saber lidar com as diferenças, incomodando-se com elas, limitando as relações, institucionalizando as identidades que fluem no seu dia a dia.

A escola, como espaço de aprendizagem, não deveria sofrer desconhecimentos, e sim trabalhar objetivamente com os mecanismos de pressão, regulação, pois está atravessada por intensas e complexas redes de interesses, desejos, códigos e linguagens próprias. Se tudo isto ficar oculto nos bastidores, se não for explicitado, acaba perpetuando as máscaras. Ao invés de criar mitos e fantasias, seria melhor que a comunidade escolar tivesse espaço garantido para manifestar suas ideias, seus incômodos e procurar resolvê-los coletivamente.

E o educador, como fica nesta lógica de perpetuar máscaras?

O educador é visto como o detentor da palavra, aquele que tem o poder do discurso, o que dentro da escola, deve "fazer acontecer"! E o que verdadeiramente acontece, é que ele acaba usando a máscara do "intelectualismo", aprisionando-se em teorias, acumulando nos ombros, uma carga de exigências, de muitos mandatos, que segundo Alicia Fernández (1994, pág. 32), são ordens recebidas e emitidas inconscientemente. São dispositivos que mascaram a agressão, que confundem que o afastam do prazer, que levam a uma rotina de hipocrisia, fracasso e submissão. Soma-se a isto, o descaso dos governantes com o seu papel tão importante para a construção do futuro, os baixos salários, a rotina cada vez mais estressante...

E o desejo? É possível educar sem ter em si o desejo de crescer? Sem querer ajudar o outro em sua busca? Alicia Fernández (1991, pág. 116), nos diz que todo o desejo, é necessariamente o desejo do outro, e é construído em um vínculo. Portanto, o outro nos carrega para o lugar dos nossos desejos. Será maravilhoso então se os educadores puderem tomar nas mãos o seu destino, e permitirem-se desejar. Desejar, é libertar-se, é ter coragem de enfrentar dúvidas e incertezas. Desejar é voltar-se para dentro de si, com um olhar no futuro.

Resgatando sua capacidade desejante, o educador livra-se das máscaras, rejeita a humilhação, a coação, a morte simbólica. Sai do lugar do torturado, do que se sacrifica, do que se violenta todos os dias.

Renasce então um novo educador, este sim, capaz de produzir conhecimentos, simbolizar, sujeito de suas ações, e não apenas das ações dos outros. À medida que a escola for se enchendo de pessoas desejantes, renovadas, ela poderá transformar-se em um lugar e produção do prazer de conhecer. Com certeza, esta ação de transformar, começa de dentro para fora. Um educador verdadeiramente transformador terá alunos libertos. Citando Freire na Pedagogia da Esperança, (1993, pág. 45) "O que mais se exige eticamente de educadores progressistas, é que coerentes com seu sonho democrático, respeitem os educandos, e por isso mesmo, jamais os manipulem."

Este educador é capaz de construir um Currículo sem armadilhas, com ações transformadoras, investindo na produção de saberes, nas competências, fazendo aflorar o desejo de continuar sempre aprendendo e ensinando. Resgata-se então, a autoestima, sem ela, mais os indivíduos sentem necessidade de mascararem-se perante o outro. A autoestima produz o elo entre a parte sadia do educador (seu desejo), e a parte sadia de quem está aprendendo, fazendo o conhecimento circular em um espaço transacional, ou seja, de confiança e criatividade. Neste espaço sim, podem-se conectar com a falta, com as dúvidas e incertezas, libertando-se e permitindo-se aprender.

Citando Ruben Aves em Estórias para quem gosta de ensinar (1993): *"Eu me pergunto se este tão denunciado fracasso da educação brasileira, não será antes um sinal de esperança, de que continuamos capazes de discernir o que é bom para o corpo, daquilo que só é bom para o lucro... Talvez para repensar a educação e o futuro da ciência, devêssemos começar não dos currículos cardápios, mas do desejo do corpo que se oferece à educação. É isto... começar do desejo..."*

Referências Bibliográficas:

ALVES, Ruben. **Estórias de quem Gosta de Ensinar**. São Paulo, Cortez, 1993.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

MOSQUERA, Juan. Auto **Estima: Fator Nuclear da Personalidade**. Texto original de 1986.